

PSICOPATIA, DESMISTIFICANDO ESTIGMAS PSYCHOPATHY, DEMYSTIFYING STIGMAS

Karolaine Bard Moreira¹
Tayline de Souza Anzolin²
Alessandra Tozatto³

RESUMO: Considerando que os veículos eletrônicos (Televisão, internet) se constituem como o principal meio de disseminação de informação em massa, supõe-se que estes são responsáveis por transmitirem informações equivocadas acerca dos transtornos mentais, principalmente através de filmes, documentários, vídeos no *youtube*, criando um imaginário coletivo acerca de tais transtornos. Ao focar na psicopatia tem-se a concepção de que estas pessoas são *serial killers* ou cometem crimes hediondos, quando na verdade é mais recorrente do que imagina-se e na maioria dos casos não é observado tal traço violento. Diante disso, objetiva-se desmistificar a psicopatia, caracterizando seus aspectos, levantando dados acerca do que a população compreende sobre tal condição e comparando-os com os dados fornecidos pela mídia. Para alcançar tal objetivo, adotou-se uma pesquisa bibliográfica e descritiva e será realizada a aplicação de um questionário. Dessa forma, supõe-se que a mídia influencia na visão sobre a psicopatia através da disseminação de informações de cunho sensacionalista.

579

Palavras-chave: Psicologia. Psicopatologia. Psicopatia.

ABSTRACT: Whereas electronic vehicles are the main means of disseminating information in bulk it is assumed that they are responsible for transmitting misinformation about mental disorders, mainly through movies, documentaries, videos on *youtube*, creating a collective imaginary about such disorders. By focusing on psychopathy one has the conception that these people are serial killers or commit heinous crimes when in fact it is more recurrent than one imagines and in most cases no such violent trait is observed. Therefore, the objective is to demystify psychopathy, characterizing its aspects, collecting data about what the population understands about this condition and comparing them with the data provided by the media. To achieve this goal, a bibliographic and descriptive research was adopted and a questionnaire will be applied. Thus, it is assumed that the media influences the view on psychopathy through the dissemination of sensationalist information.

Keywords: Psychology. Psychopathology. Psychopathy.

¹Acadêmica do curso Psicologia da UNIREDENTOR.

²Acadêmica do curso de psicologia da UNIREDENTOR.

³Psicóloga, Professora Mestre em ensino, docente de psicologia da UNIREDENTOR

INTRODUÇÃO

É notável que nos dias atuais a mídia exerce um papel fundamental na disseminação de conhecimento, por meio dela é possível aprender novas informações e aprofundar conhecimentos prévios. No entanto, quando não há um “filtro” nas informações que são recebidas pode-se formar opiniões errôneas e superficiais acerca de determinados temas. A Psicologia não é uma exceção nesse cenário e no que diz respeito a psicopatia há uma gama de vídeos, textos, fotos, dentre outros, que compartilham informações acerca de tais temas (SILVA, 2015)

Com a popularidade dos *serial killers* crescendo pode-se notar que tudo o que permeia esse assunto tem tido um maior enfoque, principalmente a psicopatia, que passou a ser glamourizada e tida como um traço atraente.

Nota-se, então, que os filmes e séries passaram a retratar esses personagens com um perfil mais agradável e até mesmo Serial Killers se tornam mecanismos de sedução para o público. Em uma entrevista sobre a atração por psicopatas para o Los Angeles Times, Martha De Laurentiis, Produtora Executiva de Hannibal (2013), disse que “a maioria de nós não quer realmente machucar as pessoas, nós não entendemos de verdade as necessidades dos assassinos, e essa tensão entre sedução e repulsão acaba sendo infinitamente fascinante”. Logo, percebe-se que antes algo completamente visto com repulsa, agora se torna também algo desejável; algo que gera interesse. (DUTRA et al. 2019, p. 8)

580

Essa popularização se dá devido a curiosidade mórbida que as pessoas possuem acerca de tais temas. De acordo com Kidd e Hayden (2015), a curiosidade é uma característica que se relaciona com a necessidade de obter informação. Uma das maiores perguntas sem resposta circunda a morte: O que ocorre após morrer?

Logo, conteúdos que envolvam morte, violência e ferimentos provocam, portanto, a curiosidade do sujeito, que tende a preferir visualizar imagens negativas a imagens neutras, demonstra Oosterwijk (2017). A pesquisa feita pelo autor também encontrou a preferência por imagens negativas de cunho social (pessoas observando um corpo) em detrimento de imagens negativas de outras categorias, como da natureza (ataque de tubarão) ou física (uma mão decepada). Sendo assim, cabe apontar os transtornos e condições que levam a cometer violência extrema sem pestanejar como objetos despertam curiosidade.

Com base no que foi exposto, supõe-se que a mídia influencia na visão sobre a psicopatia através da disseminação de informações de cunho sensacionalista, visto que dessa maneira se

gera mais audiência, conseqüentemente mais lucro. Portanto, o artigo em questão almeja responder se a mídia promove noções sobre a psicopatia que a situam apenas no extremo da violência e da criminalidade. Macedo e Massini (2019, p.53) apontam que

A Psicopatia/Sociopatia é um distúrbio mental grave em que o doente apresenta comportamentos antissociais e amorais sem apresentar arrependimento ou culpa, tem dificuldades para amar e se relacionar com outras pessoas com laços afetivos estruturados, não tem empatia, são egocentrismo e incapazes de aprender com a experiência.

Diante disso, a relevância do artigo em questão reside na produção de uma pesquisa acadêmica que realize um levantamento da visão atual sobre a psicopatia, discutindo o possível impacto da mídia na construção do imaginário coletivo e desmistifique noções distantes dos fatos ao passo que sejam encontradas pelo percurso. Também vale frisar que a psicopatia é mais comum do que se imagina e a compreensão sobre o assunto auxilia na gama de recursos dos quais se pode lançar mão a fim de lidar com indivíduos psicopatas, que não se resumem a pequena parte composta por *serial killers* e criminosos perpetradores de crimes hediondos, como pode-se imaginar.

METODOLOGIA

581

A fim de alcançar os objetivos em questão, foi adotada uma combinação entre pesquisa bibliográfica e descritiva. A pesquisa bibliográfica tomou lugar em bancos de dados como *scielo* e o *google scholar*, onde as palavras-chave “psicopatia”, “psicopata” e “psicopatia e mídia” foram buscadas, no entanto nota-se que a ultima palavra-chave quase não possui pesquisas, sendo que encontramos uma maior quantidade de artigos que abordassem tal tema com a palavras-chave “*serial killer* e mídia”. O critério de seleção utilizado prioriza artigos e demais produções científicas publicadas nos últimos dez anos, e após uma revisão dos conteúdos e temas, os considerados relevantes para embasar o entendimento sobre o objeto de estudo foram incluídos. Posteriormente, será empregada a leitura crítica das fontes que se enquadraram.

A segunda parte do procedimento diz respeito à aplicação de um questionário de opinião contendo 22 perguntas, que será aplicado na modalidade remota no segundo semestre de 2022, elaborado com a intenção de capturar a visão do público comum acerca da psicopatia.

DESENVOLVIMENTO

Psicopatia

A psicopatia é uma palavra que possui origem grega e vem da junção de *psyché* (alma, mente) e *pathos* (paixão, sofrimento). Ao abordar tal conceito é preciso considerar as mudanças que sofreu ao longo do tempo, Henriques (2009) aponta que no século XIX este termo era muito utilizado pela literatura médica a fim de se referir aos transtornos mentais de maneira geral, portanto, originalmente não limitava as noções específicas as quais se atrela nos dias atuais. Na contemporaneidade, o termo não consta em nenhum dos manuais diagnósticos mais utilizados, como é o caso do DSM e o CID. Entretanto, o mesmo autor indica que tais manuais se baseiam nas características de psicopatia descritas por Cleckley (1988) para definir o Transtorno de Personalidade Antissocial, sendo assim, no DSM-V estão estabelecidos os critérios para tal diagnóstico (Tabela 1).

Embora o TPA tenha sido muito utilizado como sinônimo de psicopatia, o diagnóstico de tal transtorno é realizado exclusivamente por meio de comportamentos observáveis, ao passo que a psicopatia, além de traços comportamentais, requer também a presença de determinados traços afetivos e interpessoais.

582

Quadro 1 - Critérios diagnósticos do transtorno de personalidade antissocial DSM-5

Critérios diagnósticos do transtorno de personalidade antissocial

(301.7)

(A) Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:

1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.
2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.

- (B) O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.
- (C) Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.
- (D) A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

Fonte: DSM-5. 2014.

Sendo assim, cabe destacar as 16 características propostas por Cleckley (1988, p. 338-339) para descrever o que viria a ser a psicopatia

Charme superficial e boa "inteligência"; Ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional; Ausência de "nervosismo" ou manifestações psiconeuróticas; Inconfiabilidade; inverdade e insinceridade; Falta de remorso ou vergonha; Comportamento antissocial inadequadamente motivado; Julgamento empobrecido e falha em aprender pela experiência; Egocentrismo patológico e incapacidade para amar; Empobrecimento geral em reações afetivas maiores; Perda de insight específico; Falta de responsividade em relações interpessoais em geral; Comportamento fantástico e não convidativo quando bebe e as vezes sem beber; Raramente se suicida; Vida sexual impessoal, trivial e pobremente integrada; Falha em seguir qualquer plano de vida.

Tendo em vista que a psicopatia e o TPA são categorias distintas, o DSM-V não é o instrumento utilizado para diagnosticar a primeira. Para tal fim, Robert Hare (1980) desenvolveu a Psychopathy Checklist ou PCL, uma escala que se baseia nas características mencionadas acima e nas concepções do próprio Hare, citado por Evangelista, para avaliar a psicopatia por meio de 17 itens:

583

Loquacidade/encanto superficial, egocentrismo/sentido de grandioso de si próprio, necessidade de estimulação/tendência para o tédio, mentir patológico, estilo manipulativo, ausência de remorsos e de sentimentos de culpa, estilo de vida parasita, deficiente controlo comportamental, comportamento sexual promíscuo, comportamento criminal precoce, ausência de metas realistas a longo prazo, impulsividade, irresponsabilidade, incapacidade para aceitar responsabilidades pelos próprios atos, relações afetivas instáveis e breves, delinquência juvenil, revogação de medidas restritivas da liberdade e versatilidade criminal. (EVANGELISTA, 2015, p.24)

Ao versar sobre os sentimentos e relações dos psicopatas, Hare (2013) indica que estes apresentam emoções rasas, não experimentam a ampla gama de sensações fisiológicas associadas a emoções como o medo, ansiedade e a maioria das emoções e, portanto, não parecem experimentar sentimentos na mesma amplitude e profundidade que indivíduos sem esse quadro. Sendo assim, agem de acordo com a satisfação dos próprios impulsos já que não são impedidos pela tentativa de evitar sensações desagradáveis, que auxiliam na hora de frear as ações e convidar o sujeito a refletir sobre as consequências. O arcabouço que possuem acerca dessas emoções vêm pela observação da expressão emocional de outros, falta-lhes o elemento

da experiência. Portanto, podem aprender a descrever e reproduzir, mas não experimentam de forma genuína sentimentos, como é o caso da empatia.

A ausência da capacidade de se colocar no lugar dos outros do ponto de vista emocional somada ao egocentrismo marcado faz com que tais indivíduos pensem nas consequências de seus atos como meras eventualidades, muitas vezes sem peso no processo de decisão que fica então a cargo do desejo. Por conta de tais características agem na contramão das convenções e normas sociais quando é de seu interesse e ao se depararem com questionamentos devido a ferirem outrem ao longo do caminho, costumam inverter os papéis, colocando as vítimas como responsáveis pelo que lhes aconteceu, portanto, não demonstrando remorso ou culpa. Esse conjunto facilmente é associado a eventos de crimes extremamente violentos, mas Hare (2014, p.60) alerta:

No entanto, exceto em filmes e livros, pouquíssimos psicopatas cometem crimes desse tipo. Em geral, sua frieza emerge de modo menos dramático, embora ainda devastador: sugando, como parasitas, os bens, as economias e a dignidade de outras pessoas; fazendo e pegando o que querem com agressividade; negligenciando vergonhosamente o bem-estar físico e emocional de suas famílias; envolvendo-se em séries intermináveis de relações sexuais casuais, impessoais e triviais; etc.

É importante salientar que existem diversas definições sobre a psicopatia, variando de acordo com o país e a tradição científica (GONÇALVES, 1999). Além disso, não há um 584
consenso acerca da causa da psicopatia, no entanto, temos três prováveis fatores que podem colaborar para o seu desenvolvimento: Genéticos, não é incomum que membros da família manifestem alguma disfunção; Ambientais, o meio em que o indivíduo vive possui uma enorme influência em suas atitudes no decorrer da vida; E sociais, pois um recinto onde a violência está presente de forma marcante estimula os instintos do psicopata.

Autores como Vasconcellos (2014) afirmam que a psicopatia não pode ser atribuída somente a fatores externos, há algo no cérebro de tais sujeitos que se faz presente no processo de torná-los disfuncionais. Dessa maneira, é possível concluir que a interação entre fatores biológicos, ambientais e sociais está envolvida na etiologia da psicopatia. Com base em tais informações, é possível pensar a psicopatia como algo que não surge na idade adulta sem que haja aspectos e sinais que se manifestem ao longo da vida desse sujeito. No que se refere a infância, Hare (2013) menciona que existem evidências sobre a manifestação da matéria bruta do transtorno em crianças, as quais tendem a permanecer imunes às pressões socializantes e se

diferenciar das outras crianças por apresentarem maior dificuldade de se relacionar e aproximar de outrem, além de serem “mais difíceis, geniosas, agressivas e enganadoras” (p.165). Indo na mesma direção, Hare (2013, p.181) indica que

De fato, os elementos necessários ao desenvolvimento da psicopatia, incluindo a profunda incapacidade de experimentar a empatia e uma gama completa de emoções, inclusive o medo, são fornecidos em parte pela natureza e, possivelmente, por algumas influências biológicas desconhecidas sobre o desenvolvimento do feto e do neonato. Em resultado disso, fica muito reduzida a capacidade de desenvolver os controles internos e a consciência e de estabelecer “conexões” emocionais com outras pessoas. No entanto, isso não significa que os psicopatas estão destinados a seguir por um caminho predeterminado, que eles nascem para desempenhar um papel socialmente desviado na vida. Mas, sim, que o seu dote biológico – o material bruto que as experiências ambientais, sociais e de aprendizado combinam em um indivíduo único – fornece uma base fraca para a socialização e a formação da consciência.

Entretanto, o mesmo autor também cita a existência de questões éticas e práticas envolvidas na rotulação de crianças como psicopatas. Assim como a rotulação não cabe, tampouco fechar os olhos para situação se constitui como o caminho a se seguir. Sendo assim, é importante que a sociedade como um todo se atente para o aparecimento de tais características e busque intervir precocemente, dado que dessa forma é possível que a expressão do transtorno seja modelada, ainda que não vá modificar o que causou, não se tratando de cura por conta do social não ser o único fator envolvido na psicopatia. 585

De acordo com Hemerly (2016) pode-se afirmar que a maioria dos criminosos violentos vivenciou alguma forma de abuso no decorrer da sua infância ou adolescência, nesse período a estrutura mental ainda se encontra vulnerável. Dessa forma, pode-se relacionar a vivência de tais abusos ao comportamento violento que é manifestado posteriormente, dado que o meio social pode intervir no padrão de comportamento futuro, uma vez que é no começo da vida que a criança tende a relacionar aspectos do contexto em que está inserido com o propósito de constituir a sua identidade, imagem que irá servir como modelo para a sua personalidade futura/adulta (apud MACEDO; MASNINI, 2019, p.55).

Cabe ainda apontar a correlação entre eventos negativos durante a infância e questões de incidência e gênero. Segundo Gomes e Almeida (2010), mulheres que sofreram traumas nesse período possuem maior probabilidade de apresentar comportamentos agressivos na fase adulta. Os mesmos autores ainda indicam que Das, Ruiters e Doreleijers (2008) encontraram relação

entre histórico negligência, assim como sentimentos de isolamento e introversão na infância no perfil mulheres possuem o transtorno psicopático.

Nota-se que existe uma dificuldade em identificar mulheres com psicopatia, uma vez que existe um diferencial na apresentação clínica dos comportamentos antissociais, especialmente no que diz respeito a agressividade, tal característica é mais nítida e presente em homens do que mulheres. A manifestação da psicopatia em homens tende a ser pela via da insensibilidade emocional e impulsividade, em contraposição com as mulheres, que agem de forma menos impulsiva. Ambos apresentam manifestação de violência, presença de emoções superficiais e ausência de culpa. Considera-se que as mulheres têm sido pouco investigadas ou ainda não diagnosticadas, ao passo que o número de crimes e delitos cometidos por mulheres vem crescendo e menos da metade das mulheres possuem o diagnóstico de psicopatia (GOMES; ALMEIDA, 2010). Justamente por existir poucos estudos acerca da psicopatia no gênero feminino é difícil apontar com precisão se há diferença no número de psicopatas quando comparamos os gêneros.

Quanto a sexualidade em pessoas com diagnóstico de psicopatia, esta distingue-se dos demais devido a inabilidade para o amor e por suas ações serem restritas ao contato físico, desprendido de emoções ou potencialidades complexas que são típicas de adulto comum, os homens com tal diagnóstico manifestação a sua preferência pela obscenidade já as mulheres tendem a ter diversos parceiros em um curto período de tempo (SILVA, 2015 apud CLECKLEY, 1988).

Ao falar sobre psicopatia, TPA e mídia, Valença (2018) corrobora com a noção apresentada anteriormente de que TPA e psicopatia não podem ser usados como sinônimos porque não se referem ao mesmo construto. O autor diferencia ambos com enfoque na expressão do comportamento criminal. Os crimes praticados por psicopatas envolvem a expressão de violência num sentido predatório, como é o caso de homicidas, serial killers, estupradores e sequestradores. Em contraposição com os crimes perpetrados por indivíduos com TPA, que realizam atos ilícitos a fim de se beneficiar financeiramente, como é o caso de falsificadores, golpistas e corruptos, ou seja, são danos patrimoniais e não contra a pessoa.

No entanto, alguns autores irão dizer que na literatura a psicopatia não é tida como sinônimo direto de comportamento violento ou predador (Hare & Neumann, 2008; Serafim,

Barros, Castellana & Gorenstein, 2014). Ainda que exista uma maior aglomeração de psicopata entre criminosos violentos, aponta-se que aproximadamente uma a cada cem pessoas poderia ser diagnosticado como psicopata com base na ausência de remorso e culpa, mas não impreterivelmente por violência (Goldberg, 2003)

É comum que a mídia associe assassinatos em série ou crimes chocantes, quando na realidade, não são todos os psicopatas que chegam a matar, além disso qualquer indivíduo que esteja dentro dos padrões sociais é capaz de executar um crime brutal. Aguiar e Decarlo (2020, p.124) citando Casoy (2014) sugerem que pessoas com transtornos mentais podem acabar sendo “pintados” como psicopatas por conta da desinformação:

O serial killer Ed Gein, que inspirou os filmes *Psicose*, *O Massacre da Serra Elétrica* e deu origem ao personagem *Búffalo Bill*, do filme *O Silêncio dos Inocentes*, invadia cemitérios para roubar cadáveres e fazer souvenirs, matou 2 mulheres de forma monstruosa e não era um psicopata como os filmes “pintam”, mas sim incapaz mentalmente, terminando os seus dias num hospital psiquiátrico.

Gomes e Almeida (2010) corroboram com essa noção ao chamarem atenção para a existência de diversas graduações de psicopatia, responsáveis por uma vasta gama de manifestações que variam em intensidade das características do quadro, como é o caso da agressividade. Sendo assim, há os psicopatas que infringem a lei de uma forma mais próxima aos criminosos comuns e então passam despercebidos enquanto psicopatas que cometem crimes como o assassinato em série são mais fáceis de se identificar, deixando a marca do que se entende como psicopatia. Dessa forma, é possível concluir que nem todo psicopata é serial killer. 587

Os mesmos autores versam sobre a questão expressão da violência e gênero citando Warren et. al (2003) e indicam que as mulheres tendem a se envolver em menos crimes violentos do que os homens e quando acabam cometendo tal tipo de crime ele se associa com o uso de substâncias.

De acordo com Hare “a maioria dos criminosos não é psicopata, e muito dos indivíduos consegue agir no lado obscuro da lei e permanecem fora da prisão são psicopatas” (HARE, 2013, p. 22). Sendo assim, fica explícito que podemos nos deparar com psicopatas em qualquer ambiente, não necessariamente na prisão. Seduzidos por profissões que propiciam poder e facilidade, psicopatas possuem tendência em escolher carreiras corporativas, nas quais precisam

subir degraus para chegar ao topo, se livrando de qualquer pessoa que esteja em seu caminho (AGUIAR; DECARLO, 2020).

Carreiras médicas e militares chamam bastante atenção, dado que existe a possibilidade de manipular vidas, um ótimo jeito de extravasar o seu desejo de agressividade e domínio. O psicopata procura em sua carreira uma profissão que gere sucesso, dinheiro e reconhecimento, uma vez que a sua vaidade e ego inflado fazem com que o indivíduo sinta a necessidade de sempre estar nos holofotes. A política também se configura como uma área muito fértil para o sucesso que os psicopatas desejam, sendo um panorama perfeito para alcançar projeção, assumir cargos que possuem regalias e privilégios, ainda tendo a possibilidades de tomar decisões que envolvem a vida de um grande número de pessoas. Além disso, tais pessoas se saem muito bem como políticos pois possuem um carisma incomparável, além de uma retórica rebuscada em discursos brilhantes (STOUT, 2010).

É importante ressaltar que no fim do anos 1880, Lombroso apresentou sua teoria do "delinquente nato", onde propôs uma conexão entre personalidade e tendência inata ao crime. O criminoso nato seria uma pessoa marcada por determinados estigmas na estrutura facial e simetria corporal. Esse legado, criado por Lombroso, cria uma confusão equivocada acerca da psicopatia e da conduta criminosa, tal legado até hoje dificulta pesquisas sobre a psicopatia (HENRIQUES, 2009).

Hawes et. al (2018) realizaram um estudo acerca do desenvolvimento de traços de psicopatia ao longo da infância e adolescência. A partir da existência de diferentes trajetórias do desenvolvimento da psicopatia e da maleabilidade na etiologia e curso desta, tais autores concluem que esforços no sentido de intervir e tratar possuem potencial. Entretanto, Hare discorre sobre as características dos psicopatas e afirma que não são frágeis, possuem uma personalidade sólida que guia seu pensar e agir e dificilmente influências externas serão capazes de exercer mudanças na mesma. Portanto, não costumam buscar ajuda por conta própria porque não acreditam que são mal-adaptativos e muitos gostam das vidas que levam.

Hare também indica que pessoas próximas, como amigos ou familiares, podem os proteger das consequências dos próprios atos e então permanecem sem punição e controle. Quando se defrontam com situações onde foram pegos transgredindo e recebem punição, não

aceitam as consequências dos próprios atos e culpabilizam outrem, o sistema, tudo, menos si mesmos.

Sendo assim, o mesmo autor ressalta que em terapia os psicopatas geralmente fingem, pois além de não possuírem anseio pela mudança não conseguem desenvolver intimidade e realizar buscas profundas em si mesmo, características essenciais na maioria das terapias. Vale frisar que uma característica da própria psicopatia é a ausência de responsividade em relações interpessoais e essas, tratadas por nomes como vínculo terapêutico ou transferência, são essenciais para o sucesso das abordagens terapêuticas mais utilizadas.

Ao pedirmos aos psicopatas que modifiquem seus comportamentos a fim de atender a nossas expectativas e normas, talvez estejamos pedindo que façam algo contra sua própria “natureza”. Eles podem fazer o que pedimos, mas apenas se isso for do interesse deles. Os programas destinados a fazer os psicopatas mudarem seu comportamento precisam levar isso em consideração, caso contrário estarão fadados ao fracasso. (HARE, 2013, p.208)

Posto isso, há autores como Gonçalves (2007) citado por Hidalgo e Serafim que consideram o tratamento a partir de uma abordagem focal sob um aspecto da personalidade e não a tentativa de alterá-la como um todo. Hidalgo e Serafim ainda afirmam que a maioria dos pesquisadores compreende o confinamento e o controle do psicopata como a linha de ação devido a descreditarem Permissivona possibilidade de um tratamento que os torne aptos ao ⁵⁸⁹ convívio social, apenas Silva (2016) foi encontrado como autor que encara o encarceramento como potencializador das características criminosas e, portanto, desaconselha essa medida independente do tipo de criminoso envolvido.

Já Aguiar e Decarlo (2020) indicam que apesar da inexistência de cura, o tratamento adequado pode vir a levar esses indivíduos a conviverem melhor com as pessoas que o cercam. Gonçalves et al. (2019) fala sobre os tratamentos atuais como ineficazes devido a dificuldade de inviabilizar a expansão dos sintomas do quadro, demonstrada na alta taxa de reincidência. O mesmo autor ainda indica a existência de comunidades terapêuticas voltadas para o tratamento da psicopatia e a Terapia Cognitivo Comportamental como ferramenta utilizada para minimizar os efeitos decorrentes do comportamento de psicopatas, ainda que as evidências sobre a eficácia se mostrem inconclusivas.

Diante do que foi exposto, fica evidente a escassez de pesquisas e desenvolvimento de tratamentos para psicopatia e o caminho a ser trilhado para que isso ocorra de forma eficaz

parece envolver a concentração de maiores esforços em aprimorar uma abordagem focada em características específicas, que não prime por uma mudança global num sujeito que na grande maioria das vezes não está interessado em mudar aspecto algum de sua personalidade, uma vez que tais comportamentos não são considerados mal-adaptativos pelo próprio indivíduo e sim pela sociedade. (HARE, 2013)

É importante frisar que os meios de comunicação em massa são mais do que veículos que geram entretenimentos, estes também são responsáveis pela transmissão de conhecimento. Não são raras as vezes em que a mídia aborda os assuntos de maneira sensacionalista, para que gere um impacto no indivíduo e aumente sua audiência, no entanto, tal atitude faz com que as pessoas criem conceitos errôneos acerca de diversos temas. Nos casos envolvendo psicopatia não é diferente, a mídia em diversos casos gera uma visão deturpada acerca de tal conceito, relacionado a pessoas de sangue frio, sem compaixão, sem piedade, com dupla personalidade, assassinos em série, em alguns casos essas características podem até ser compatíveis, mas na maioria das vezes não se aplica, principalmente quando levamos em conta que nem todo psicopata é um assassino (MORANA; STONE; FILHO, 2016)

Como foi exposto anteriormente, a psicopatia não se resume a comportamentos violentos e crimes brutais, esta pode variar em diversos graus, onde nem sempre se chega a tal extremo da violência, diante de tal equívoco nos deparamos com a necessidade de se retirar o enfoque da violência associada a psicopatia e divulgar de maneira mais clara tais informações, não contribuindo para a perpetuação de falsas crenças e conceitos distantes da realidade. 590

RESULTADOS

Através da aplicação do questionário as opiniões de 50 pessoas foram coletadas, sendo 29 delas do gênero feminino, 19 do masculino e duas de outro. 68% desta amostra possui entre 18 e 30 anos de idade e a maioria cursou ou está cursando o ensino superior, destas pessoas 4 estudam psicologia e 2 direito, cursos que têm determinado contato com o tema pesquisado.

Quando perguntados se sabem o que é um psicopata, 42 pessoas responderam 'sim'. 15 afirmaram que se informam sobre o assunto através de redes sociais e 11 pessoas apontaram que utilizam as fontes científicas, enquanto 7 indicaram que não utilizam nenhuma fonte para se informar. Sobre a frequência que consomem conteúdo sobre a psicopatia, 16 pessoas

responderam que não assistem, 20 afirmaram assistir com pouca frequência e 12 esporadicamente, apenas 2 pessoas informaram assistir com muita frequência.

Da amostra, 43 pessoas acreditam que psicopatas são encontrados em qualquer lugar e uma destas aponta que se encontram principalmente em cargos de destaque, uma respondeu que estão nos presídios e outra resposta obtida foi que psicopatas estão nas favelas. Uma pessoa não soube informar. Para a pergunta ‘os psicopatas são indivíduos charmosos e possuem inteligência acima da média?’ 24 pessoas responderam não e 11 sim, outras 11 acreditam que é algo que varia e duas pessoas não souberam responder.

Quando perguntados sobre a manifestação da psicopatia nos gêneros, 40 pessoas responderam que existem mais homens psicopatas que mulheres. 76% dos entrevistados acredita que a psicopatia pode se manifestar na infância. 28 pessoas acreditam que psicopatas são indivíduos charmosos e possuem inteligência acima da média, já 21 pessoas responderam que não são e uma informou que depende.

‘Psicopatas possuem sentimentos?’ 28 pessoas acreditam que sim, enquanto 21 responderam não. A maioria que votou que sim acha que psicopata não possui sentimentos como empatia, alegria, amor, apenas sentem raiva, prazer, satisfação. Sobre a manifestação da psicopatia, 76% dos entrevistados afirmaram que se dá através de níveis, 22% acreditam que se manifesta uniformemente e 2% respondeu que trata-se de algo que se agrava com o tempo.

591

Sobre a causa da psicopatia, 12 pessoas acreditam que já nasce assim, se tratando de algo genético, enquanto outras 12 pensam que é algo que se desenvolve ao longo da vida, o restante das pessoas creem que pode ser uma combinação de ambos ou algum tipo de distúrbio causado por alterações químicas no cérebro.

Ao responderem a pergunta se todos os psicopatas cometem crimes, 84% responderam que não, enquanto 16% acreditam que sim. 38 pessoas afirmaram que todo psicopata não é violento e 12 responderam que são. 90% dos entrevistados indicam que todo psicopata não é um serial killer.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista os resultados obtidos em nossa pesquisa, constata-se que a maioria dos entrevistados tem acesso a informações referente ao tema por meio das redes sociais, o que não

é considerado algo negativo, uma vez que, é possível a circulação de informações científicas e verídicas nesse ambiente, o que acreditamos se refletir nesta pesquisa, contrário do que supomos inicialmente. Também foi possível constatar que a hipótese inicial que apontava no sentido de uma grande associação entre psicopatas e serial killers no senso comum estava equivocada, já que apenas 10% da amostra em relacionou positivamente um ao outro, também foi baixo o percentual associando psicopatas a criminosos e a violência. Tampouco relacionaram o presídio ao local onde mais se encontram psicopatas.

No que diz respeito ao gênero nota-se que ainda existe o mito de que há mais homens do que mulher com psicopatia, essa percepção pode ter como base a agressividade, pois tal componente é mais nítido em homens do que em mulheres. Outro ponto observado é que a maioria das pessoas acreditam que psicopatas não possuem sentimentos tidos como “bons” (alegria, amor, felicidade) somente sentimentos como “ruins” (raiva), enquanto o restante dos entrevistados acreditam que estes não possuem sentimentos.

Também foi apontado por 76% dos entrevistados que crianças podem ser psicopatas, o que vai contra aos critérios utilizados para o diagnóstico de transtornos de personalidade, uma vez que um dos requisitos é ter 18 anos, pois só formamos nossa personalidade ao completar a maioridade. Pontua-se também que a maioria dos entrevistados vai contra a premissa de que os psicopatas são indivíduos charmosos e possuem inteligência acima da média. 592

Um dos obstáculos enfrentados é a falta de material científico, uma vez que a escassa produção de material acerca do tema, e nos textos encontrados as referências se repetem. Por fim, também cabe apontar que outra limitação da pesquisa que consiste em ter feito uso de uma amostra pequena, suscitando a necessidade de que pesquisas com dados mais robustos sejam realizadas para que melhor se avalie os impactos das redes sociais e da mídia em geral na disseminação de informações sobre a psicopatia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ângela Maria. Psicopatia: Revelando mitos e verdades por trás do diagnóstico. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 24, n. 50, p. 116-129, 2020.

American Psychiatric Association. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 [Recurso eletrônico]**. (5ª ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed

CLECKLEY, Hervey. **The Mask Of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality**. Fifth Edition. Augusta, Georgia: Emily S. Cleckely, 1988. p.485.

DAS, J., RUITER, C.; DORELEIJERS, T. Reliability and validity of the Psychopathy Checklist: Youth Version in Dutch female adolescents. **International Journal of Law and Psychiatry**, v. 31, p. 219- 228. 2008. Disponível em: <<https://www.corinederuiters.eu/file.php?nr=160&code=474ba8bb1cd02208cac273732cbc6318&time=1583576848>> Acesso em: 04 jun. 2022.

DUTRA, Ana Claudia Monteiro; MONTEIRO, Maria Carolina Maia. **A glamourização de transtornos psicológicos na mídia**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2019.

EVANGELISTA, Susana Isabel Franco. **Psicopatia, personalidade e expressividade emocional**. Orientador: Professor Doutor José de Almeida Brites. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica e da Saúde,. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Psicologia e Ciências da Vida. Lisboa. 2015. Disponível em <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/6815/1/Tese.Final_Revista-susana.pdf > acesso em: 01 jun. 2022.

593

GOMES, Cema Cardona; ALMEIDA, Rosa Maria Martins. Psicopatia em homens e mulheres. **Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n1/v62n1a03.pdf>> Acesso em: 05 mai. 2022.

GONÇALVES, Rui Abrunhosa. **Psicopatia e processos adaptativos à prisão: Da intervenção para a prevenção**. Colectânea Monografias em Educação e Psicologia, Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho. 1999. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37593/1/ulfd137582_tese.pdf> Acesso em: 03 mai. 2022.

GONÇALVES, Carla de Melo et al. **O tratamento da psicopatia frente ao ordenamento jurídico brasileiro: possibilidade de aplicação do artigo 26, parágrafo único, do código penal**. 2019. Disponível em: <ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/542> Acesso em: 04 jun. 2022.

HARE, R. **Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

HAWES, Samuel W. et al. The Developmental course of psychopathic features: investigating stability, change, and long-term outcomes. **J Res Pers**. 2018, 83-89. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6519965/pdf/nihms-1508900.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2022.

HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: A evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Rev. Latinoamericana Psicopatia Fundamental**, São Paulo, v.12, n.2, p.285-302, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/5LNC537y53fc78vhYDRHffN/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 01 mai. 2022.

HEMERLY, Marcus Vinícius Silva. O perfil criminal e a investigação de homicídio serial. **Conteúdo Jurídico**, Brasília-DF: 06 abr 2016, 04:45. Disponível em: <<https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/46343/o-perfil-criminal-e-a-investigacao-de-homicidio-serial>> Acesso em: 04 jun. 2022.

HIDALGO, Nathalie de Queiroz; SERAFIM, Antonio de Pádua. Psicopatia: o que as pessoas sabem de fato sobre conceito. **Rev. Mudanças – Psicologia da Saúde**, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Paulo, 24 (2), Jul.-Dez. 2016. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/6987>> Acesso em: 02 jun. 2022.

LOWENSTEIN, G. The psychology of curiosity: A review and reinterpretation. **Psychological Bulletin**, American Psychological Association, Washington, 1994, v. 116, n. 1, p. 75-98. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0033-2909.116.1.75>> Acesso em: 03 jun. de 2022.

MACEDO, Fernando Luis; MASNINI, Lethicia Aparecida. Psicopatia e sociopatia: uma 594 revisão da literatura. **Revista InterCiência-IMES Catanduva**, v. 1, n. 3, p. 52-52, 2019. Disponível em <<https://www.fafica.br/revista/index.php/interciencia/article/view/113>> Acesso em: 30 de maio de 2022

MORANA, H. C.; STONE, M. H.; FILHO, E. A. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP, São Paulo, v. 28, p. 74-79. 2006. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000600005>> Acesso em: 05 de junho de 2022

OOSTERWIJK, Suzanne. Choosing the negative: A behavioral demonstration of morbid curiosity. **PLOS ONE**, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0178399>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Silva, B. S. **O conceito de psicopatia analisado pela criminologia crítica**. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2015. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/pt/revista/temiminos-revista-cientifica/articulo/o-conceito-de-psicopatia-analisado-pela-criminologia-critica>> Acesso em: 03 de junho de 2022

SILVA, Jordan Prazeres Freitas da. A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 16, n. 37, p. 72-90, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8075> > Acesso em: 02 de junho de 2022

STOUT, M. **Meu Vizinho é Um Psicopata**. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

VALENÇA, A. Antisocial personality disorder, psychopathy and media. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 3, p.141-142, 2018. Editorial.

VASCONCELLOS, S. J. L. **O Bem, O Mal e as ciências da mente que são constituídas os psicopatas**. São Paulo: Icone, 2014.